

As marcas do português brasileiro no português falado em Angola: o contato entre variedades

Larissa Rehem Gama *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0007-3075-4072>

Alexandre António Timbane**

ORCID iD <http://orcid.org/0000-0002-2061-9391>

RESUMO

O ser humano é por natureza um ser comunicativo e por isso não existem sociedades humanas sem língua que se materializa em uma das suas modalidades: fala, escrita ou sinais. É por meio dela que as pessoas se comunicam, demarcam o seu poder, se identificam, estabelecem relações de poder para além de manifestar autoridade. A fala é contextualizada, dependente, implícita, redundante, não planejada, imprecisa, não normatizada (MARCUSCHI, 2010). É nessas condições que se materializa a língua no seu estado natural, de forma espontânea refletindo os usos reais. A presente pesquisa debate a influência da variedade brasileira na variedade Angolana, uma vez que os contatos entre as duas variedades são permanentes, especialmente por meio das redes sociais e da televisão (novelas, filmes, reportagens, programas religiosos). É verdade que “a relação entre língua e sociedade apresenta influência mútua, pois através da linguagem se participa das relações sociais de poder e as mudanças na estrutura social são decorrentes da dinâmica dessas relações” (SILVA; SOUZA, 2017, p. 1). Existe uma só língua portuguesa, mas ela não é falada da mesma forma no espaço lusófono. Ela varia e muda influenciada por fenômenos linguísticos e extralinguísticos. A pesquisa analisa a contribuição lexical do português brasileiro no português Angolano e descrever os fatores extralinguísticos que favorecem essa variação, sabendo que um mito segundo o qual ‘só em Portugal se fala bem português’ (BAGNO, 2009). Trata-se de uma pesquisa quantitativa que se baseia na análise da língua falada dos Angolanos em conversas informais com intuito de entender quais os fenômenos que fomentam essas interferências. O instrumento de coleta foi o questionário (Google formulário) que foi dirigido a 84 Informantes (65 homens e 19 mulheres) Angolanos, a maioria com ensino médio completo, de idade compreendida de 18 a 49 anos), com intuito de compreender a variabilidade do léxico. Da pesquisa se conclui que o português brasileiro influencia no português Angolano através das grandes mídias. Os termos mais recorrentes ocorrem na modalidade oral e buscam imitar a fala dos brasileiros. Alguns Angolanos acham que o sotaque brasileiro é mais bonito e tendem a imitar, especialmente pastores e frequentadores de igrejas provenientes do Brasil. As novelas brasileiras passam em quase todos os canais televisivos Angolanos e algumas unidades lexicais e o sotaque ficam na memória linguística dos Angolanos.

PALAVRAS-CHAVE:

* Mestranda em Linguística, na Universidade Federal de Santa Maria. Licenciada em Letras Língua Portuguesa, com experiência docente nos segmentos do Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Psicopedagoga clínica e institucional. Integrante do grupo África Brasil: Produções de Conhecimento, Sociedade Civil, Desenvolvimento e Cidadania Global, voltado para a articulação de saberes interdisciplinares com foco nas relações étnico-raciais e na cidadania global. e-mail: larissarehemgama@hotmail.com

** Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, docente da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Pesquisador em Estudos do Léxico, Sociolinguística e Dialectologia, Linguística Forense e Ensino das Línguas portuguesa e Francesa. Professor de Introdução à linguística africana em especial as Línguas bantu. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS) & Programa de Pós-Graduação em Estudos em Linguagens: contextos lusófonos Brasil-África (MEL/UNILAB)

Les marques du portugais brésilien dans le portugais parlé en Angola : contact entre variétés

RÉSUMÉ

L'être humain est par nature un être communicant et il n'y a donc pas de sociétés humaines sans langage qui se matérialise dans l'une de ses modalités: la parole, l'écriture ou les signes. C'est à travers elle que les gens communiquent, délimitent leur pouvoir, s'identifient, établissent des relations de pouvoir en plus de manifester leur autorité. La parole est contextualisée, dépendante, implicite, redondante, non planifiée, imprécise, non standardisée (MARCUSCHI, 2010). C'est dans ces conditions que le langage se matérialise à l'état naturel, reflétant spontanément les usages réels. Cette recherche traite de l'influence de la variété brésilienne sur la variété Angolaise, puisque les contacts entre les deux variétés sont permanents, notamment à travers les réseaux sociaux et la télévision (feuilletons, films, reportages, émissions religieuses). Il est vrai que « la relation entre langue et société s'influence mutuellement, car par la langue on participe aux rapports sociaux de pouvoir et les changements de la structure sociale résultent de la dynamique de ces rapports » (SILVA ; SOUZA, 2017, p. 1). Il n'y a qu'une seule langue portugaise, mais elle n'est pas parlée de la même manière dans le monde lusophone. Elle varie et change sous l'influence de phénomènes linguistiques et extralinguistiques. La recherche analyse l'apport lexical du portugais brésilien au portugais Angolais et décrit les facteurs extralinguistiques qui favorisent cette variation, sachant qu'il existe un mythe selon lequel «le portugais n'est bien parlé qu'au Portugal» (BAGNO, 2009). Il s'agit d'une recherche quantitative basée sur l'analyse de la langue parlée des Angolais dans des conversations informelles afin de comprendre quels phénomènes favorisent ces interférences. L'instrument de collecte a été le questionnaire (formulaire Google) qui a été adressé à 84 informateurs (65 hommes et 19 femmes) Angolais, la plupart avec une éducation secondaire complète, âgés entre 18 et 49 ans), dans le but de comprendre la variabilité du lexique. De la recherche, il est conclu que le portugais brésilien influence le portugais Angolais à travers les grands médias. Les termes les plus récurrents se produisent dans la modalité orale et cherchent à imiter le discours des brésiliens. Certains Angolais trouvent l'accent brésilien plus beau et ont tendance à l'imiter, notamment les pasteurs et les fidèles du Brésil. Les feuilletons brésiliens sont diffusés sur presque toutes les chaînes de télévision Angolaises et certaines unités lexicales et l'accent restent dans la mémoire linguistique des Angolais.

MOTS CLÉS

Portugais Angolais; Langue; Influence; Variation Lexicale

Introdução

Angola e Brasil são dois países lusófonos que possuem aspectos históricos e culturais muito próximos. É que ambos foram colônias de Portugal e muitos Angolanos foram escravizados e trazidos para o Brasil durante o século XV. A vinda dos Angolanos para o Brasil contribuiu para diversidade étnica, cultural e social. Por isso, há muitos traços das culturas e tradições Angolanas que se observam no Brasil. Não tem como falar do Brasil sem referir a relevância dos africanos que desempenharam um papel importante na economia, na cultura e nas tradições presentes no Brasil. Não é por acaso que 56,1%

(IBGE, 2010) da população brasileira se declara negra ou parda e o Nordeste é a região com mais negros.

Os resquícios dos africanos são visíveis em várias áreas: religião, música, dança, culinária, instrumentos e etc. Vários estudos, como os de Bonvini (2009), Fiorin e Petter (2008), Galves (2008), Galves, Garmes e Rosa Ribeiro (2008), Mattos e Silva (2008), Naro e Scherre (2007), Pessoa de Castro (2005; 2009), Abreu, Almeida, Barreiros (2020) dedicaram as atenções para a influência dos Angolanos na formação da identidade linguística brasileira. A presente pesquisa caminha para o sentido contrário analisando as interferências do português brasileiro na variedade Angolana do português no século XXI, buscando entender o impulso das tecnologias nas interferências do português brasileiro no português Angolano.

Vivemos numa aldeia global, num contexto globalizado em que as informações e conhecimentos se espalham facilmente no mundo devido a proliferação das redes sociais. As redes sociais e a mídia no geral desempenham um papel preponderante nas trocas linguísticas entre pessoas vivendo em espaços geográficos distintos. Os brasileiros e os Angolanos interagem permanentemente e nesse processo a língua é o elemento mais importante.

O nosso interesse recai sobre a realidade da língua portuguesa falada no território Angolano, buscando compreender quais os aspectos para esse compartilhamento da variedade. Não existe sociedade sem língua, porque é através da língua que as pessoas conseguem se comunicar umas com as outras. A língua tem poder e estimula os membros da comunidade de fala e em alguns momentos trazendo autoridade ao falante, e estabelecendo relações de múltiplos poderes. A política e o planejamento linguístico se tornam peças fundamentais para o estabelecimento desse poder. Uma língua oficial tem mais ~~poder~~ e espaço do que aquela que não é. Uma língua que é oficial tem mais possibilidades de se expandir e popularizar-se, assim como a criação de instrumentos legitimadoras como é o caso de dicionários e gramáticas.

Todas as sociedades humanas possuem uma língua e cada língua carrega uma identidade. De acordo com Santos e Timbane (2020, p.43), “a identidade não é fixa, está em constante variação e mudança a depender das situações experienciadas por cada ator social”. Por essa razão, a identidade precisa ser afirmada e reafirmada dependendo das coordenadas do meio ou das situações experimentadas pelo ator social. (SANTOS,

TIMBANE, 2020). Por exemplo, um caipira, o identificamos pela forma como fala. O seu sotaque (fonologia/fonética), o seu vocabulário, a sua sintaxe é próprio e característico.

A língua pode ser instrumento utilizado para oprimir, discriminar e excluir o outro, quando discrimina o outro, quando impede o acesso às oportunidades sociais, econômicas e políticas (TIMBANE; MENDONÇA REZENDE, 2019). Mas a língua também é opressora e discriminatória. A discriminação começa a partir do momento em que os colonizadores rotularam as línguas locais que encontraram já em circulação nas colônias. Essas línguas eram chamadas pelos colonos de dialetos, pretuguês ou língua de cão, tal como Mingas explica:

a língua portuguesa aparece como um espectro ameaçador para os aprendentes porquanto, toda a palavra mal pronunciada, a não concordância em número ou género dos nomes, do determinante em relação ao determinado eram, de imediato apelidadas de pretuguês, o que levava muitos dos estudantes africanos a coíbi-rem-se de utilizar a língua comum, por receio de serem ridicularizados. (MINGAS, 2021, p.17).

Esta questão é preocupante uma vez que a variabilidade linguística é inerente à língua. O **pretuguês** não é uma outra língua. Trata-se da mesma LP, mas em outra variedade. Então, falantes de outras variedades não deveriam ser punidas, excluídas, separadas, discriminadas nem desprezadas pelo outro de uma variedade diferente daquela que é usada em Portugal. À esse fenómeno, Marcos Bagno (1999) designa de “preconceito linguístico”.

Quanto às línguas locais não europeias se pode dizer que não são selvagens por que se assim for considerado, estaremos cometendo o epistemicídio linguístico. O português no Brasil e em Angola foi imposto em princípio pelo colono e mais tarde pelas próprias nações por meio das Constituições. A convivência destes povos Angolanos e brasileiros com as múltiplas línguas locais influenciou na formação do português Angolano e brasileiro respectivamente, e isso se deu durante muito tempo de utilização do português que com o passar do tempo foi se distanciando da variedade portuguesa fazendo surgir as variedades Angolana e brasileira.

Angola é um país da parte Subsaariana da África, que teve grande destaque na exploração colonial portuguesa com um grande ápice de exportação de mão de obra escravizada, conforme Caregnato (2010). Os portugueses

chegaram ao país por volta do século XV, os povos que viviam naquela região eram os povos Bantu e uma das suas principais características era a língua (CARENGNATO, 2010). Depois da dominação colonial no país, as pessoas foram submetidas às regras dos portugueses e o ensino da língua portuguesa foi implantada no território como meio de investida para o apagamento das línguas maternas e uma tentativa fracassada de tornar o país monolíngue. A proibição da circulação das línguas nativas não adiantou muito, pois até hoje as línguas locais são faladas no país.

Angola foi a nação africana que mais exportou escravizados para o Brasil, é destacado na historiografia as contribuições africanas para a formação da sociedade brasileira. O presente estudo procura desenvolver uma análise das relações entre o Brasil e Angola no que tange o compartilhamento da língua portuguesa que é comum nas duas nações. A mídia brasileira é responsável pela maior parte dessa presença linguística. Existem três aspectos principais, o primeiro deles são as novelas que entraram com força total no país tornando-se assim uma grande potência influenciadora. A população Angolana tem uma predileção por novelas brasileiras por tratarem de diversos assuntos do cotidiano, algumas delas com a temática bíblica.

O segundo ponto é a música porque os cantores brasileiros são sucesso nas 'paradas' em Angola. Os Angolanos têm predileção por músicas do gênero romântico, cantores como Roberto Carlos, Roberta Miranda, Zezé de Camargo e Luciano fazem grande sucesso no país, mas um novo ritmo foi tomando conta da atualidade, o mais ouvido entre o mais jovem é o Funk influenciando muito a nova geração musical do país. Alguns cantores Angolanos veem se inspirado neste gênero musical para a criação de suas composições e batidas eletrônicas diferenciadas. O terceiro ponto são os conteúdos na internet a população do país vem dando grande visualizações nos vídeos clipes e compartilham muito em suas redes sociais, nos memes brasileiros.

Vejamos que “o entendimento de influência está diretamente relacionado com o nível de expectativas e de idealizações da sociedade” (PAIVA, 2010. p. 3). Entende-se por influencia a ação que uma pessoa ou coisa exerce sobre a outra, e sabemos que a sociedade é formada por pessoas que influenciam e que são influenciáveis. O presente trabalho mostra a influência que uma língua pode ter

sobre a outra, objetivando a influência do português brasileiro no português Angolano. “A relação entre língua e sociedade apresentam influência mútua, pois através da linguagem se participa das relações sociais de poder e as mudanças na estrutura social são decorrentes da dinâmica dessas relações” (SILVA; SOUZA, 2017. p.1).

Sabemos que as grandes mídias têm influenciando muito na sociedade Angolana e isso vemse expandindo para a língua. partindo do princípio de que nenhuma língua é falada do mesmo jeito, a variação linguística é um fenômeno que ocorre em todos os idiomas, e que o português tem diversas variedades linguísticas onde nelas são impressos fatores socioculturais e geográficos. Uma dessas variações encontramos nos diferentes falares do português de Angola, do Brasil e de Portugal. Sabe-se que as línguas de Angola influenciaram a construção do português brasileiro (PB) devido ao período escravocrata. Por exemplo, as palavras *caçula*, *carimbo*, *fubá*, *marimbondo*, *quilombo*, *quitanda*, *xingar*, *caçamba*, *capanga* são exemplos das interferências dessas línguas africanas na formação do português brasileiro.(FIORIN, PETTER, 2008). A relação entre o português europeu e as línguas africanas criou uma nova variedade do português e assim o português, as com características autóctones. No Brasil também foi assim. Os estudos de Almeida, Abreu e Barreiros (2020, p.35) argumentam que “contribuição das línguas africanas ao PB é, de fato, evidente. Todavia, devemos considerar que lexias africanas compõem principalmente o vocabulário de contextos específicos.”

1.As línguas de Angola e sua política linguística

A língua falada é mais espontânea do que a língua escrita. Com ela, é possível compreender a evolução da língua no tempo e no espaço. De acordo com Alkmim (2001) quando gravamos um falante, temos a oportunidade de observar e descrever a língua em tempo real. Entendamos por **comunidade linguística** “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos”. (ALKMIM, 2001, p. 31). A Sociolinguística nasce a partir da necessidade de um estudo que relaciona língua, sujeito e sociedade, e este é levando em consideração, analisa-se muito sobre identidades social do falante e do ouvinte, do contexto social que influência grandemente na produção da língua falada em si.

Sendo Angola um país da África Austral, que teve grande destaque na exploração colonial portuguesa com um grande ápice de exportação de mão de obra escravizada. Conforme Ndombele os primeiros contatos que o país teve com o mundo Ocidental começaram em 1482, com a chegada de Diogo Cão à Foz do Rio Congo, pois antes desta chegada não existia nação, eram apenas etnias reunidas em reinos e é a partir do reino do Kongo que esses primeiros contatos são dados (NDOMBELE, 2017). Os khoisan são os povos mais antigos da África Austral. De acordo com Kondja (2022) Khoisan é uma palavra que aglutina na sua estrutura morfológica duas unidades lexicais: **Khoi (khoe)** que significa “pastores e agricultores” e **San** que significa “caçadores-coletores”, que vivem numa vasta região árida do deserto do Calaári, na África Austral, correspondendo às Repúblicas de Angola, Namíbia, Botswana e África do Sul. São povos com tradições e culturas diferentes dos bantu, possuem línguas com características peculiares- o uso de clicks.

Os portugueses chegaram em Angola por volta do século XV. Os povos que viviam naquela região eram uma mistura dos grupos Bantu e Khoisan e já falavam as suas línguas, praticavam as suas religiões e tinham uma vida civilizatória própria das suas culturas. São povos de tradição oral e não produziam textos escritos, mas eram especialistas na arte, na pintura e na modelagem. De acordo com Dos Santos (2018) nos anos seguintes à chegada dos portugueses ao Reino do Congo, as relações seguem uma agenda diplomática e de intenso contato, com a influência portuguesa nos costumes religiosos e linguísticos.

Na época Portugal estava voltado para o desenvolvimento das colônias e estimulava a imigração dos portugueses para a África Central. Sendo assim, os europeus começaram a imigrar para as terras Angolanas em 1575 e cerca de 100 famílias vindas de Portugal chegaram no território, sendo que grande maioria eram portugueses desterrados e 400 soldados que desciam dos navios para fazer parte da povoação e criação de uma sociedade “civilizadora”¹ (DOS SANTOS, 2018). Os povos nativos de Angola tinham o contato linguístico e cultural com os portugueses e aos poucos foram sendo “civilizados” conforme a visão dos europeus que sempre buscavam diversas tentativas para o apagamento sociolinguístico daquela população e subsequiram um intenso contato com a influência religiosa e linguística dos portugueses.

Depois de alguns anos de convivência pacífica, que foi marcada por relações cordiais, pois neste período as relações eram do tipo horizontal. Porém mais tarde, por

vários conflitos entre os povos surgiram guerras sangrentas, enquanto durou a implementação do sistema colonial, onde os portugueses saíram como “vencedores”², tornando-se assim proprietários e senhores de terras e reinos, entre os séculos XV e XIX (ZAU, 2011). E é assim que o português europeu, língua do colonizador vem sendo introduzida hegemonicamente como língua oficial do território conquistado.

O ensino da língua portuguesa foi implementado no território como meio de investida para o apagamento das línguas maternas e uma tentativa fracassada de tornar o país monolíngue. A proibição da circulação das línguas nativas não adiantou muito, pois até hoje elas são faladas no território como meios de expressão da cultura e das tradições locais. A presente afirmação dá-se pelo fato de não existir um reconhecimento institucional das línguas locais e da variedade Angolana do português, assim como a inexistência de instrumentos do tipo dicionários e gramáticas dessa variedade.

No artigo 19 ° da Constituição Angolana de 2010, no que se refere a línguas diz que: 1. A língua oficial da República de Angola é o português. 2. O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional. (ANGOLA, 2010). O que quer dizer que ainda atualmente a situação de oficialização da língua não mudou e a valorização das línguas nacionais. Angola é um país multilíngue com mais de 20 línguas nacionais. A situação linguística do país decorre de fatores históricos e culturais, assim coexistindo várias línguas nacionais, que são mais usadas nas regiões rurais. A grande parte dos Angolanos são bilíngues ou multilíngues.

O continente africano possui quatro grandes famílias de línguas, nomeadamente nigero-congolesa (com 1.436 línguas), afro-asiática (371 línguas), nilo-saariana (196 línguas) e koisan (35 línguas) dados que nos levam a estimar em mais de 2000 línguas, segundo dados de Maho (2003), Heine e Nurse (2000) e Petter (2015). A classificação das línguas bantu foi realizada por linguistas europeus. Pode-se citar exemplos de Joseph Harold Greenberg (1915-2001), Malcolm Guthrie (1903-1972), Clement Martyn Doke (1893-1980), Wilhelm Heinrich Immanuel Bleek (1827-1875), Carl Friedrich Michael Meinhof (1857-1944) entre outros. Mas em Angola não podemos demarcar todas as línguas, pois ainda não tiveram a classificação oficial. Os linguistas Angolanos e estrangeiros ainda se debruçam nos estudos para a identificação exata de quantas línguas realmente existem em Angola.

Devemos ressaltar que as línguas de Angola têm um papel importantíssimo nas comunidades, porque elas servem como meio de comunicação de excelência entre seus falantes que compartilham o mesmo código linguístico, salvando suas identidades culturais que vem sendo transmitido de geração para geração, promovendo um melhor ajustamento entre o meio familiar, escolar e social. A questão dessas línguas vai muito além de uma busca para oficialização, mas perpassa por sentimentos e tradições que resistiram à colonização e estão ameaçadas de extinção. O significado de uma língua para seu povo é muito mais do que a institucionalização da mesma, mais significa história, resistência, religião, cultura, crenças é o que Kialanda et al.(2019), vem dizendo em sua pesquisa sobre a cultura dos nomes para o povo Bakongo.

2.A variação do português Angolano: mudanças lexicais

A língua se transforma e se adapta de acordo com diversos fatores conforme as intenções e necessidades de uso e das particularidades do falante. A variação linguística é um fenômeno que ocorre na língua, e este fenômeno pode ser compreendido por intermédio das mudanças históricas, sociais, regionais e de estilo, ou seja, no mesmo país, com o único idioma a nível nacional, a língua sofre diversas alterações pelos seus falantes. Segundo Miguel (2008) a variação com suas mudanças são particularidades intrínsecas em qualquer sistema linguístico, pois os diversos usos das línguas ocorrem em função dos mais variados fatores, manifestam-se em todas as configurações de uma língua, nos aspectos fonéticos, morfossintáticos, semânticos e lexicais, sendo assim uma língua não será homogênea. (MIGUEL, 2008).

Vejamos que falar de variação linguística acabamos analisando também as mudanças linguísticas, pois os dois aspectos estão inteiramente ligados. Podemos observar que toda e qualquer língua tem suas normas linguísticas. Bernardo (2017) vem observando as duas tipologias de norma que ressalta e divide a mesma em objetiva e prescritiva. O autor vem destrinchando essas tipologias em duas vertentes: a **normal** que se refere a algo rotineiro, ou seja, corriqueiro, mas o **normativo**: refere-se a regras e modelos a serem seguidos. Podemos entender que conforme as variedades linguísticas a **variedade normal** é vista em determinados códigos ou regulações, já a **variedade normativa** é encontrada frequentemente nas produções textuais.

A estrutura linguística dentro de um mesmo ambiente não é uniforme. A língua vai sempre variando, ou seja, os falantes de um mesmo país têm a língua variada conforme

os aspectos socioculturais que estão inseridos. Deste modo podemos observar que a diferença é dada na primeira instância no plano fonético. A variação do português em Angola, traz consigo primeiro o fato da oficialização do português em terra multilíngue, sendo este português implementado intrinsecamente a norma do português europeu, desta maneira foi estabelecido no país que se aprende a falar e escrever como os portugueses dos centros principais de Portugal (MIGUEL,2008). Porém podemos analisar que isso nunca saiu do campo internacional, pois é explicitamente visível a diferença do português falado em Angola para o português falado em Portugal.

Os estudos de Sassuco (2021), Pedro (2021), Santana e Timbane (2021), Dilva e Ganga (2021) Nauege (2021) entre outros mostram que o português Angolano existe. Os estudos publicados resultam de pesquisas que revelam a existência da variedade Angolana de português. Dentro de Angola, a variação regional é muito perceptível. Sassuco (2021) cita que na zona Norte há influência da língua Kikongo (considerando todas as suas variantes) e os falantes do Kikongo têm tendência de realizar alguns sons do Português como se fossem do Kikongo.

A língua é um sistema extremamente organizado ao ponto de que os falantes de uma mesma língua podem se comunicar independentemente de região, sexo e faixa etária. De acordo com Almeida, Oliveira, Souza “a linguagem pode ser considerada como um instrumento que serve para descrever e interpretar tanto o interior do ser humano, quanto as coisas que o cercam” (ALMEIDA, OLIVEIRA, SOUZA, 2016, p.92). A língua varia e esta variação é decorrente de diversos fatores, estes que estão presentes dentro da sociedade e dentro da língua. Vejamos que “na sociolinguística, entendemos a língua como um sistema de regras, mas algumas regras são categóricas (regras que sempre se aplicam da mesma forma) e outras são variáveis (regras que se aplicam de modo variado)” (COELHO et al., 2015, p. 13). O falante do português fala a mesma língua, mas determinados grupos obtêm características que os diferenciam uns dos outros, deste modo caracteriza a fala de determinados grupos como variedade.

Como trabalhamos com a variação lexical, levamos em conta seus conceitos. O léxico de uma língua é compreendido, como um conjunto genético de todas as palavras que fazem parte de uma língua e inclui os neologismos e os arcaísmos. Vejamos que se tratando de palavras temos um assunto complexo, por tanto faz-se necessário entender o que significa palavra. Segundo Correia e Almeida (2012), o que se entende por palavra levanta uma complexidade, portanto as autoras usam a nomenclatura **unidade lexical**

para esta definição que utiliza expressões sinônimas, pois a palavra não é só o que se tem escrito, contendo um significante no qual associamos a um padrão flexional, uma categoria morfossintática e um significado (CORREIA, ALMEIDA, 2012). Sendo assim, palavra vai muito mais além que uma escrita ortográfica, para além do discurso escrito. A palavra carrega diversas formas de composto sintático e locuções.

Sendo a face mais marcante de uma língua o léxico, porque é nele que construímos as ações de nossa linguagem, e ele vai renovando sempre. Podemos analisar isso através das suas variações, pois sabemos que as línguas não são estáticas, pois elas vão evoluindo conforme a suas variáveis sociais, e é dentro do léxico que encontramos marcas das culturas dos povos, é isso que faz com que as palavras sejam encarregadas de significados e significantes únicos de um devido idioma, construindo assim, dentro da cultura, de uma sociedade uma comunidade linguística que se diferencia através de sua linguagem única e individual, comunidade linguística de referidos povos. **Léxico** “é o inventário das unidades significativas responsáveis pela conceituação e representação do universo empírico e natural e do sociocultural produzido pela atividade dos homens em sociedade” (COELHO et al., 2008, p.14).

Correia e Almeida (2012) ressaltam que se as mudanças da língua ocorrem e afetam todos os componentes do sistema linguístico como os fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, elas também ocorrem no nível lexical e é visivelmente exposta por duas razões, a primeira é que por um lado o componente lexical não sendo muito estruturado em comparação aos outros, sendo ele mais consistente, pois é construído não somente para regras mas de itens, as mudanças podem ocorrer de modo mais livre e suas mudanças são rápidas e afetam as unidades e seus pequenos conjuntos mas não tanto a estrutura global do léxico. O outro lado, é que as unidades lexicais que designam os itens das realidades envolventes e que traduz os conhecimentos das realidades que temos (CORREIA, ALMEIDA, 2012).

Ao tratar de que realidade temos e para qual realidade falamos, analisaremos o termo lexicultura que é a junção de duas unidades: léxico + cultura = lexicultura. Entendemos por cultura como “o conjunto de padrões de comportamento, de conhecimento, de crença, da arte, da moral, da lei, dos costumes e de todos os hábitos de capacidades adquiridas pelo homem como membro da sociedade” (TIMBANE, 2014, p.46). Portanto sabemos que cada sociedade tem sua cultura e que ela carrega as especificidades dos povos, devido a este fato podemos notar a existência de significados

e sentidos semânticos diferentes entre as diversas culturas e que do meio social carrega uma comunidade linguística diferente. Sendo assim, a **lexicultura** é um conjunto de unidades lexicais que dão característica e especificam as comunidades linguísticas, ou seja, a lexicultura é a identidade de um grupo social ou até mesmo de um indivíduo (TIMBANE, 2014).

3. Metodologia e análises

A presente pesquisa é de carácter quantitativo, uma vez que os fenômenos são analisados a partir de dados percentuais obtidos por meio de um questionário dirigido à informantes Angolanos. A pesquisa bibliográfica foi fundamental porque consultamos livros, artigos científicos, revistas e pesquisas na internet que nos permitiu teorizar de forma abrangente visando alcançar os objetivos preconizados. Uma pesquisa quantitativa inicia com ideias preconcebidas (hipóteses) para depois testar as hipóteses. A coleta dos dados ocorre mediante instrumentos bem controlados porque ela é objetiva na análise desses dados numéricos ou estatísticos. De acordo com Fonseca (2002, apud GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p.33).

Contudo realizar uma pesquisa com base num questionário é desafiador, mas possível de alcançar os objetivos previamente planejados. O léxico é essencial, é fundamental e pode ser estudado utilizando a Sociolinguística quantitativa. O instrumento de coleta de dados foi o questionário Google formulário. Um questionário é um conjunto de questões, elaboradas sistematicamente com intuito de gerar os dados necessários para se atingir os objetivos de uma pesquisa ou projeto. O questionário é muito sensível porque só pode ser aplicado em informantes que sabem ler e escrever. Por isso mesmo, os nossos informantes serão pessoas alfabetizados. O grande problema está na capacidade de ler e compreender a pergunta por parte do informante. O questionário precisa ter identificação do autor, as perguntas e os espaços para completar.

O nosso questionário teve perguntas abertas e fechadas. O uso do formulário Google se justifica pela facilidade de encontrar informantes em Angola. As instruções do questionário precisam ser claras e concisas porque o informante responde sozinho na ausência da pesquisa. Se as perguntas não são clara, algumas perguntas podem não ser respondidas. O questionário foi composto por 28 perguntas, sendo 6 abertas e 22 fechadas (Questionário em Apêndice). Tivemos mais perguntas fechadas porque os informantes responderiam pelo telefone e o telefone não tem espaço suficiente para

escrever textos mais longos. A opção por perguntas fechadas visa facilitar os informantes, mas também sem desconsiderar os objetivos da pesquisa. O formulário Google permitiu atingir grande número de informantes (84) tanto no Brasil quanto em Angola.

Para tal, elaboramos um questionário com 28 perguntas, contendo questões abertas e objetivas que foram direcionadas aos Angolanos de toda parte do país, com a finalidade de analisar quais palavras e mídias sociais brasileiras que os colaboradores mais têm acesso a sua utilização e assim compreendermos de modo geral e amplo a influência do português brasileiro no território Angolano. O questionário teve uma duração de 4 dias úteis, ele foi enviado através de link para os Angolanos. Os colaboradores recebiam um link com uma mensagem explicativa do que se tratava o documento em questão e foram solicitados a colaborar para nossa coleta de dados respondendo as questões objetivas e abertas e logo em seguida enviando as mesmas automaticamente em seu término para a pesquisadora.

Dos resultados que recebemos foi possível analisar que: quanto a situação de escolaridade, 96,4% dos informantes têm o ensino superior, 2,5% com ensino médio e 1,2% com ensino fundamental. Pode-se perceber que a maioria dos colaboradores são pessoas com ensino superior. Isto é, alguns estão frequentando outros já terminaram. Os informantes são provenientes de Luanda, Huambo, Benguela, Lunda Norte, Lunda Sul, Huila, Uige, Bié, Cabinda, Cuanza Norte, Cunene e Bengo.

Sabe-se que Angola é um país multilíngue. Convivem várias línguas, tal como vimos na fundamentação teórica. Os dados mostram que 46,4% têm uma língua bantu como língua materna, enquanto 53,6% não possuem língua materna de origem bantu. Este dado nos mostra que muitos Angolanos, especialmente nas grandes cidades têm o português como língua materna. Este dado nos prova que em Angola existe o português Angolano, porque não é possível que estes informantes nasçam em Angola e falem português de Portugal.

Observa que a língua portuguesa é constituída como língua materna por 53,6% dos informantes. Este resultado é uma situação que pode ser confortada pela faixa etária dos nossos informantes. Visto que, os jovens de 18 a 30 anos representam a maior percentagem, isto é, 56%. Neste sentido, considerando que Luanda foi a cidade que mais respondeu o questionário. 71,4% dos sujeitos da pesquisa acham que o português brasileiro é bom, ao passo que, observou-se que 46,4% têm preferência pelo português de Portugal.

Aqui, podemos notar uma situação ambígua entre achar bom o português brasileiro e preferir o de Portugal. Esta situação se justifica pelo fato de que, o PE é obrigatória nas escolas, quer dizer, os professores ainda são preconceituosos com relação a variedade Angolana do português. O mito de Marcos Bagno explica que não é em Portugal onde se fala bem português. Os informantes também costumam ouvir brasileiros a falar na televisão (novelas, notícias e reportagens), o que leva a concluir que a imprensa é que tem contribuído para expansão do PB em Angola. Os dados mostram que 76,2% assistem a TV e aproveitam ouvir o sotaque da variedade brasileira de português.

Podemos verificar que 76,2% dos informantes costumam ouvir os brasileiros a falar na televisão através de noticiais, telenovelas e reportagens. E 95,2% deles já assistiu tele novelas brasileiras, mas, o fato curioso é que quando se questionou com qual frequência semanal que estes assistiam tele novelas brasileiras, 50% responderam “nenhuma vez”. Isto pode parecer paradoxal, porém, é compreensível uma vez que a frequência com que uma pessoa vem exercendo uma determinada atividade pode cair em função de tempo.

A relação com a música brasileira entre os informantes aparece com maior percentagem, na qual, 96,4% dos interlocutores mostram-se ouvintes e/ou consumidores da música brasileira. Neste sentido, quanto a compreensão do sentido ou significado das mesmas, 45,2% compreendem mais ou menos e 41,7% compreendem perfeitamente. Quando perguntado a impressão sobre o sotaque que os pastores Angolanos utilizam dentro da IURD, 91,7% os informantes responderam positivamente que os pastores locais utilizam o sotaque brasileiro durante os cultos. Por outro lado, questionou-se sobre o que se achava sobre os pastores Angolanos que pregam com o sotaque brasileiro, no qual 65,5% dos sujeitos da pesquisa acham estranho da parte de pastores Angolanos em usar o sotaque brasileiro durante os cultos. Enquanto, os demais frequentastes da IURD, 57,1% das pessoas responderam que os crentes também por vezes utilizam o sotaque brasileiro.

Os colaboradores da pesquisa em uma totalidade de 92,9% responderam que conhecem e já realizaram leituras de obras literárias brasileiras, este fato se dá também pelo dado de que a maioria das pessoas que responderam o questionário é de nível superior, onde pode e tem mais acesso a este tipo de gênero textual. Vejamos que 77,4% das pessoas compreenderam a linguagem utilizada nos textos literários e neste sentido a

maior parte delas conseguem realizar uma leitura em português brasileiro sem dificuldade de compreensão na linguagem utilizada. Perguntados “se nas escolas primárias e secundárias se estuda a literatura Angolana”, a maioria dos informantes (51,2%) afirmou que sim e os restantes (48,8%) negaram.

Este é um dado que traz uma problemática muito debatida na atualidade em Angola, onde as obras locais não são valorizadas pelas instituições de ensino, vejamos que 51,2% dos colaboradores responderam que nas escolas primárias não se estuda a literatura nacional, ou seja, a população não consegue por meio educacional ter acesso a sua própria literatura. Para a pergunta “o que acha que o português brasileiro influencia na fala dos Angolanos” os informantes afirmaram que sim em 69%, havendo 31 que não acham. O dado nos permite analisar que o próprio Angolano reconhece a influência que o português brasileiro tem na fala dos cidadãos de Angola, pois 69% (contra 31%, não) das pessoas que responderam o questionário afirmaram que o português do Brasil influencia na fala dos Angolanos.

A pesquisa mostra que a maioria dos Angolanos (47,6%) imitam o sotaque de Portugal e 28,6% imitam o português brasileiro. Esse dado mostra que o português brasileiro ganha relevância entre Angolanos, impulsionado pela mídia e redes sociais. O léxico é o que salta a vista identificado nas músicas e em novelas brasileiras. Cerca de 28,6% acham que não usam nem sotaque de Portugal nem do Brasil. Este grupo está ciente ao fato de que existe um português Angolano. Por isso que se conformam com a realidade da variedade Angolana de português. Quando perguntados enquanto ao sotaque, ou seja, a sonorização da pronúncia das palavras 47,6% das pessoas que participaram da pesquisa responderam que o Angolano imita o sotaque dos portugueses, vejamos que essas mesmas pessoas reconhecem a influência do português brasileiro na fala da população, mas ao mesmo tempo creem que as mesmas pessoas imitam o sotaque do português de Portugal.

Perguntados se existe português Angolano, os informantes confirmaram que existe (73,8%), 8,3% acham que não e 17,9 não sabem. Tratando do surgimento de uma nova variedade do português dentro do território de Angola, 73,8% dos colaboradores acreditam na existência do português propriamente Angolano, ou seja, reconhecem esta nova variedade da língua como uma língua já em circulação corriqueiramente. Sabemos que a grande maioria das línguas maternas de Angola são de origem Bantu e que os artistas nacionais gostam de trabalhar com a mistura entre o português e uma língua

nacional, 57,1% das pessoas que colaboraram com a pesquisa responderam que os escritores Angolanos incluem palavras de origem Bantu em suas obras. Os colaboradores deixam claro sua opinião enquanto a questão dos escritores Angolanos incluírem palavras de origem Bantu em seus textos e 88,1% deles acreditam que este fato traz originalidade ao trabalho, por deixar as expressões nacionais dentro da eternização de uma escrita.

Verificamos que 77,4% dos nossos colaboradores são do gênero masculino, lembrando que a grande maioria das pessoas é do nível superior, restando apenas 22,6% do gênero feminino, da totalidade de 84 pessoas, ou seja, uma pequena e significativa parte é de mulheres. Na seleção a seguir apresentaremos a percepção que os colaboradores têm sobre as palavras do português brasileiro as quais as pessoas destacaram que utilizam em seu cotidiano. Aqui podemos analisar que a maioria delas são expressões de diálogos informais entre as pessoas. Serão descritas abaixo as que mais se sobressaíram (maior frequência) no questionário.

Quadro 1: Palavras do português brasileiro que são utilizadas em Angola

galera	bagulho	dando duro
geladeira	cantada	capricho
gozar	calcinha	busão
legal	banheiro	apê
gente	pegar	saco
cara	brigar	boteco
bacana	ventar	sacanagem
moleque	pega leve	mané

Fonte: Dados da pesquisa

O português brasileiro é uma variedade mais consolidada, com muitos estudos já publicados, com dicionários e gramática já publicadas sobre avariabilidade do português. É uma variedade que se mostra firme até porque a escola já inicia a discussão sobre a variação linguística. Almeida, Oliveira e Souza (2016), Petter (2015) entre outros já mostra que mesmo que haja interferências das línguas africanas e indígenas, a variedade se consolida. A expansão de unidades lexicais para outros países como é o caso de Angola se faz um processo inverso resultante dos contatos por meio da mídia e das tecnologias

digitais. Não se pode ignorar a influência da música e das novelas brasileiras em contexto Angola. Não tem como prever se essas palavras vão permanecer no PA ou vão desaparecer ao longo do tempo.

Considerações finais

A pesquisa possibilitou que entendêssemos se o português brasileiro tem influenciado no português falado em Angola. Ficou identificada a presença de unidades lexicais do PB no PA que normalmente chegam por meio da música, das novelas e da religião, tal como vimos nos dados da pesquisa. Sabemos que com o contato linguístico entre Angola e Brasil ocorrem interferências lexicais, fonético- fonológicos. Por outro lado, o PE também impacta na variedade do PA. Assim, se conclui que em Angola, as interferências são provenientes do PE e do PB. O PE é o modelo para a maioria dos Angolanos, uma vez que se utiliza gramáticas produzidas em Portugal.

Por outro lado, há um grande esforço na identificação da variedade local. Os estudos citados nesta pesquisa mostram que após 47 anos de independência, o PA existe e circula no cotidiano dos Angolanos. Bernardo afirma que o léxico, a fonologia, a morfologia, as construções sintáticas e semânticas não seguem as regras do Português Europeu (PE). O português falado em Angola na atualidade é uma variedade que expressa a **Angolanidade**, é com estas especificidades linguísticas que Angola vive o seu processo inicial para definir seu próprio padrão de português (BERNARDO, 2017). É claro que será necessária criação de instrumentos do tipo dicionários (UNDOLO, 2022; SACANENE, 2022), já demonstram essa preocupação e gramáticas que mostram as peculiaridades desta variedade.

Diante desse processo de construção do PA verifica-se que há outras influências além das línguas nacionais. O PA tem ainda como modelo, o PE e fortes influências do português brasileiro nessa nova construção. Observa-se que Angola e Brasil tem uma aproximação cultural e linguística, os Angolanos consomem muito dos diversos produtos midiáticos brasileiros. No meio religioso encontramos também está influência a partir das pregações, pois os Angolanos buscam imitar o sotaque dos pastores brasileiros. A pesquisa possibilitou encontrar o apagamento do sotaque nas falas dos líderes e frequentadores de igrejas provenientes do Brasil, como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. Devido às mídias nacionais de Angola exibirem uma grande gama de programas, novelas e músicas brasileiras, a sociedade Angolana tem convívio contínuo

com o português falado no Brasil e é a partir dessa realidade que podemos identificar resquícios do PB no PA.

Referências

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. in: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina.(Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol.1, São Paulo: Cortez, 2001. p.21-45.
- ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. ABREU, Uana Vanessa Pinheiro de; BARREIROS, Patrício Nunes. Da África à Bahia: um estudo sobre o léxico africano em comunidades do semiárido baiano. **Revista Philologus**, Ano 26, nº77. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p.26-45, mai./ago.2020.
- ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; OLIVEIRA, Josane Moreira de; SOUZA, Emerson Santos de. Minha mãe mora ni feira: o uso da preposição ni no Brasil e sua relação com as línguas africanas. **Interdisciplinar**. Ano XI, v.24, p.89-102, jan./abr.2016.
- AMARAL, Aurélio. **As origens dos negros do Brasil**. [s.l.], 01 de Mar.2015.Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1319/as-origens-dos-negros-do-brasil>. Acesso em: 24 out.2020.
- BERNARDO, Ezequiel Pedro José. Norma e variação linguística: implicações no ensino da língua portuguesa em Angola. **Em Língua Portuguesa**, p. 39, 2017. BONVINI, Emílio. Línguas africanas e o português falado no Brasil. In: FIORIN, JoséL; PETTER, Margarida.(Org.).**África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CAREGNATO, Lucas. Domínio colonial português em Angola nos séculos XV e XVI. **X Encontro Estadual de História–ANPUH-RS**, 2010.
- CAREGNATO, Lucas. Domínio colonial português em Angola nos séculos XV e XVI. **X Encontro Estadual de História–ANPUH-RS**, 2010.CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo et al. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.
- CHICUMBA, Mateus Segunda. **A educação bilíngue em Angola e o lugar das línguas nacionais**. 176f. 2019. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.

- CHICUNA, Alexandre Mavungo. **Portuguesismos nas línguas bantu**: para um dicionário português kiyombe. Lisboa: Edições Colibri, 2018.
- COELHO, Braz José. **Linguagem**: lexicologia e ensino de português. Catalão: Modelo 2008.
- COELHO, Izete Lehmkuhl, et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola, 2012.
- DALA, Nuno. A necessidade de um estatuto para a Língua gestual Angolana. In: **Observatório da Imprensa**: pelo direito à comunicação, contra o autoritarismo, 25 dez. 2014. Disponível em: <<https://observatoriodaimprensa.net/necessidade-de-um-estatuto-para-lingua-gestual-Angolana/>>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- DOS SANTOS, Eduardo Ferreira. Aspectos da língua portuguesa em Angola. **PAPIA**. Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico, vol. 28, n. 1, p. 25-49, 2018.
- ELIAS, Norbet. **O processo civilizador**. Trad. Ruy Jungman. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FERNANDES, Fernanda. **A influência de línguas africanas no português falado no Brasil**. [s.l.], 03 de Dez. 2019.
- FIORIN, José Luís; PETTER, Margarida (Org.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GALVES, Charlotte. O papel das línguas africanas na formação do português brasileiro: (mais) pistas para uma nova agenda de pesquisa. **Revista Gragoatá**. nº24, p.145-164, sem.2008.
- GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; ROSA RIBEIRO, Fernando (Org.). **África Brasil: caminhos da língua portuguesa**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2008.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- HAUGEN, Einar. Dialeto, língua, nação. **Norma linguística**, p. 97-114, 2001.
- HEINE, B.; NURSE, D. **African languages**: an introduction. Cambridge: CUP, 2000.
- INE, Angola. Resultados definitivos recenseamento geral da população e habitação. 2014. Disponível em: https://www.ine.gov.ao/images/Populacao_Sociedade/Estudos_tematicos/PUBLICA_CAO_RESULTADOS_DEFINITIVOS_DO_CENSO_2014.pdf. Acesso em: 27 out.

2020.

KIALANDA, Kialunda Sozinho et al. o kikongo e a cultura do povo bakongo: a cultulinguística nos nomes próprios. **Revista Versalete**. Curitiba, Vol. 7, nº 12, p.72- 91, jan.-jun. 2019.

KONDJA, José Evaristo. Khoisan de Angola: Descrição e análise comparativa do vocabulário das variantes (línguas) !Khun(Khoisan) da província do Cunene. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº1, p.156-184, jan.-jun. 2023.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008. LEITE, Ilka Boaventura. (Org.). Núcleo de Estudos e Identidades e Relações Interétnicas. **Línguas atuais faladas em Angola: entrevista com Daniel PerezSassuco**. nº13. Florianópolis, Ed. UFSC, 2015.

MAHO, J. «A classification of the bantu languages an update of Guthrie's referential system. » in: NURSE, D; PHILIPPSON, G. (Ed.). **The Bantu languages**. Londres: Routledge. p.639-650, 2003.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2008.

MIGUEL, Maria Helena S. A língua portuguesa em Angola: normativismo e glotopolítica. **LUCERE**, v. 5, p. 35-48, 2008.

MINGAS, Amélia Arlete. O pretuguês, o português em/de Angola: “é o problema que estamos comele”. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 1, p.25-37, jan./jun. 2021.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Marta. **Origens do Português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

NAUEGE, João Muteteca. As formas de tratamento no português de Angola: contributo semântico-pragmático in: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (Org.). **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. São Paulo: Opção, 2021. p.123-141.

NDOMBELE, Eduardo David. Reflexão sobre as línguas nacionais no sistema de educação em Angola. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, n.31, p. 71-89, 2017.

PAIVA, Flavio. O novo conceito de influência. **Diário do Nordeste**. 3.3. Fortaleza, 2010.

PEDRO, António Januário Baptista. Miscigenação fonológica da variante do português Falado em Angola. in: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (Org.). **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. São Paulo: Opção, 2021. p.43-53.

PEDRO, Leonardo Tuyenikumwe; MUSSILI, Paulino Luís. Os khoisan de Angola perante os desafios do panorama actual: a integração sócio-político e económico dos povos kwedi e !kung (khoisan) do Cunene. Njinga & Sepé:Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº Especial, p.623-643,2022.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. **Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afrobrasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL/ Topbooks, 2005.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. O Português do Brasil, uma intromissão nessa história. In: GALVES, C.; GAMES, H.; RIBEIRO, F. R. (Org.). **África-Brasil: Caminhos da língua portuguesa**. Campinas: Editora Unicamp, 2009. p.175-183.

PETTER, M. **Introdução à linguística africana**. São Paulo: Contexto, 2015. PICINATO DE CARVALHO, Pricila Balan. Relação entre língua e identidade: a faladenuncia quem somos. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 1, p.1-16, 2019.

PONSO, Letícia Cao. O português no contexto multilíngue de Angola. **Confluência**,v. 35, n. 36, p. 147-162, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Editora Feevale, 2013.

SABLAYROLLES, Jean-François. La néologie aujourd'hui. GRUAZ, Claude.(Ed.). **A la recherche du mot: De la langue au discours**, Lambert-Lucas, HALL, pp.141-157, 2006.

SACANENE, Bernardo. No princípio eram os africanismos: descrição e análise da lexicografia do português em Angola. in: NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal; LANGA, David Alberto Seth; TIMBANE, Alexandre António. **Descrição linguística, educação e cultura em contextos pós-coloniais**. Belém: Home, 2022. p.91-111.

SANTANA, Yuran Fernandes Domingos; TIMBANE, Alexandre António. Evidências sociolinguísticas da variedade Angolana do português e o combate ao preconceito linguístico. in: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (Org.). **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. São Paulo: Opção, 2021. p. 55-80.

- SASSUCO, Daniel Peres. Problemática de contacto das línguas bantu de Angola e o português: um olhar sobre o contacto fonético-fonológico. in: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (Org.). **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. São Paulo: Opção, 2021.p.13-42.
- SILVA, Ana Alexandra; GANGA, José Gabriel. Variação semântica de lexemas verbais na variedade do português de Angola. in: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (Org.). **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. São Paulo: Opção, 2021. P.81-104.
- SILVA, Paulo Cesar Garré; DE SOUSA SOUSA, Antônio Paulino. Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural. **Revista Educação e Emancipação**, n. 1, p. 260-285, 2017.
- TIMBANE, Alexandre António. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. **Revista Via Litterae**. Anápolis, v.4, nº1, p.5-24, jan./jun.2012.
- TIMBANE, Alexandre António; MENDONÇA REZENDE, Meire Cristina. A língua como instrumento opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique. **Travessias**, Cascavel, v. 10, n. 3, p. 388–408, 2016.
- TIMBANE, Alexandre António; SANTANA, Yuran Fernandes Domingos; AFONSO, Euclides Victorino Silva. A cultura hip-hop e os Angolanismos lexico-semânticos em Yannick Afroman: a língua e a cultura em debate. **Afluente: Revista de Letras e Linguística**,v.4, n.12, p. 104-128, mai./ago.2019.
- TIMBANE, Alexandre. A lexicultura no português de Moçambique. **Linguagem: estudos e pesquisas**. Catalão. v. 18, n. 2, 43-59, jul./dez. 2014.
- UNDOLO, Marcio. Proposta de Concepção de Dicionário de Português: um projecto em curso assente em análise de *corpus* sobre a variedade Angolana. *Modern Languages Open*, (1), p.19, 2022.
- VISENTINI, Paulo Fagundes. As Relações Brasil-Angola: pivô da diplomacia africana. **A nova diplomacia econômica das relações Brasil-Angola**, p. 12, 2015.
- WITKOWSKI, Rejane. A sociolinguística e suas principais correntes de estudo. **Maiêutica: Estudos Linguísticos, Literários e Formação Docente**, v. 2, n. 1,p.87-92, 2014.
- ZAU, Domingos Gabriel Dele. **A língua portuguesa em Angola: um contributo para o estudo da sua nacionalização**. 204f. 2011. (Tese). Departamento de Letras. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011.

Recebido em: 23/02/2025

Aceito em: 24/06/2025

Para citar este texto (ABNT): GAMA, Larissa Rehem; TIMBANE, Alexandre António. As marcas do português brasileiro no português falado em Angola: o contato entre variedades. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.5, nº 2, p. 10-32, jan./jun.2025.

Para citar este texto (APA): Gama, Larissa Rehem; Timbane, Alexandre António. (jan./jun.2025). As marcas do português brasileiro no português falado em Angola: o contato entre variedades. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 5 (2): 10-32.

